

ços em doloroso transe. Deste modo o poeta nos conduz a um dos pontos máximos do Cristianismo: o reconhecimento de benefícios, o qual, quando dirigido aos nossos Maiores, nada mais é do que uma das modalidades da *prece*; ensina-nos, pois, a necessidade da prece para cumprimento das instruções cristãs.

E termina com admirável hino ao Criador, em um gesto de grandiloqua humildade: na impossibilidade de louvar tão majestoso Ser, por deficiência de expressão, brada, contrito e empolgado: "Glorifique-Te o amor com que nos amas"!

Tal grito d'alma — não há duvidar — é dum Espírito quintessenciado, desse mesmo, agora mais evoluído, que da Terra dirigiu ao Onipotente a seguinte súplica:

*"O' Deus, ó rei do céu, do amor, da terra,
(Pois só me restam lágrimas, clamores)
Suspende os teus horrißonos furores,
O corisco, o trovão, que a tudo aterra!"*

*Nos subterrâneos cárceres encerra
Os procelosos monstros berradores,
Que, enchendo os ares de infernais vapores,
Parece que entre si travaram guerra.*

*Para nós compassivo os olhos lança,
Perdoa ao fraco lenho, atende ao pranto
Dos tristes, que em ti põem sua esperança!*

*Às densas trevas despedaça o manto,
Faze, em sinal de próxima bonança,
Brilhar no etéreo tope o lume santo!*

E o Eterno o atendeu.

Soneto I

25-11-1946

*Vive o homem no mundo sorte dura,
Por estranho caminho arremessado,
Fero titã cativo a negro fado,
Do berço morno à fria sepultura.*

*Triste filho dos céus, de alma perjura,
Desprezível Adão acorrentado
Ao desterro de sombras do passado,
Respira o lodo e chora a desventura!*

*Ao vão orgulho — a esse deus imigo,
Altars vãos erige, por vaidade,
Que, na treva, o mantém revel mendigo!*

*Por mais altos pregões a fé lhe brade,
Traz, desditoso, o cárcere consigo,
Atado à Morte em plena Eternidade.*

Ensina que o homem é um anjo decaído, em consequência do mau uso que fez de seu livre arbítrio: tem-se, deste modo, a figura do "pecado original". Seu passado de culpas arremessou a criatura num mundo

infeliz, onde deve expiar suas faltas em duras provas. Infelizmente, em vez de se submeter à dor, que redime, o homem se rebela por orgulho, que lhe agrava a situação, e assim prolonga seu cativeiro no cárcere da matéria.

Nota: Alguns versos, como os tercetos acima, além de outros, foram depois modificados pelo Espírito comunicante.

A ortografia do original, redigido a lápis pelo médium, em toda esta série de sonetos, é a antiga, o que mais testemunha a veracidade da autoria destas produções. Este acréscimo de testemunho se entende com os incrédulos, não, evidentemente, com os confrades. Diremos, a propósito, com o excelso Camões:

"Aos infiéis, Senhor, aos infiéis,
E não a mi, que creio o que podéis."

— /// —

Soneto II

26-11-1946

*Novamente a escrever, Musa inconstante,
Desafiando o espírito moderno...
De onde vens, triste Elmano? Vens do inferno?
Dos complicados círculos de Dante?*

*— Não perturbes o alígero viajante!
Proclamo a essência do meu ser eterno!
Depois de atravessar o escuro Averno,
Consterna-me a Verdade alucinante.*

*O que Elmano chorou ao surdo vento
No Letes se perdeu... Jamais te conte
O que te agrave o lóbrego tormento!*

*Basta a certeza, a mitigar-te a fronte,
De que além do cadáver macilento
Contemplarás a luz de outro horizonte...*

As comunicações de além-túmulo provam-nos a sobrevivência do Espírito. Não deve, porém, tal intercâmbio ser utilizado na ociosa indagação, por mera